

## A REDEFINIÇÃO DO MITO DO MAGO NEGRO NA SÉRIE HARRY POTTER

Érika Morais Martins de Pádua (UFMG)<sup>1</sup>

**RESUMO:** *O mito do mago negro, noção baseada na teoria mítica de Joseph Campbell, está fortemente presente na literatura de fantasia. As diversas representações do mito do mago negro refletem diferentes concepções sobre o papel do mal no gênero da fantasia. Na série Harry Potter, a trajetória do mago negro Voldemort revela uma visão contemporânea sobre a origem e a natureza do mal, além de descrever sua função na formação da identidade. O mago negro é o lado oculto do mago, a versão distorcida de suas ambições de poder e conhecimento.*

**ABSTRACT:** *The dark mage archetype, a concept based on Joseph Campbell's myth theory, is deeply present in fantasy literature. The many representations of the dark mage archetype reflect different conceptions about the role of evil in the fantasy genre. In the Harry Potter series, the trajectory of the dark mage Voldemort reveals a contemporary vision of the origin and the nature of evil, and its function on the formation of self-identity. The dark mage is the hidden side of mages, a dark and distorted version of their ambitions of power and knowledge.*

### 1. Introdução

Uma prova de que a literatura de fantasia possui um grande potencial de atração é o indiscutível sucesso comercial da obra da escritora inglesa J. K. Rowling, cujo protagonista é um mago. Acredito que, além de uma estratégia de marketing bem sucedida, o segredo da popularidade deste romance de fantasia em especial, mas também de outros do passado (*Senhor dos Anéis* de Tolkien e *Crônicas de Nárnia* de C. S. Lewis) deve-se a outros fatores. Seu conteúdo arquetípico seria o principal deles – segundo a concepção do estudioso de mitologia Joseph Campbell, o mito facilita a identificação do leitor (CAMPBELL, 1971). Para Campbell, a razão para a permanente popularidade da literatura de fantasia é seu subtexto arquetípico e suas raízes mitológicas, que refletem a experiência de vida do leitor. São vários os mitos encontrados neste tipo de literatura, mas de todos esses mitos o do mago é um dos mais recorrentes e intrigantes. Magos estão presentes em muitas destas narrativas. São facilmente identificáveis, pois são personagens empenhados em uma busca por conhecimento, refletindo a nossa própria busca. Há diversidade até entre os magos, entretanto. Dentre diversos tipos de magos presentes na série Harry Potter, por exemplo, o mito do mago negro é um dos mais importantes no processo de identificação do leitor por tratar de temas universais, como a natureza do mal e sua função no desenvolvimento da individualidade. Demonstrando a evolução da literatura de fantasia, o mago negro em Harry Potter representa o mal dentro de uma visão psicológica, discutindo o papel do livre arbítrio na trajetória moral e ética do indivíduo.

### 2. A teoria arquetípica

A ficção de fantasia tem suas origens nas lendas e mitos do passado, narrativas que estão repletas de imagens simbólicas. Este fato torna seu estudo dentro de um paradigma mítico bastante vantajoso. Como uma literatura caracterizada por símbolos, imagens e motivos, evoca respostas semelhantes entre pessoas de culturas diferentes, pois estes são elementos que ultrapassam barreiras culturais. A popularidade dos contos de fadas, lendas e mitos, que são a inspiração da fantasia contemporânea, é uma prova importante desta resposta universal.

Um conto de fadas contado em uma cultura pode ter uma versão irmã em uma sociedade diametralmente oposta. Apesar de os personagens e cenários serem revestidos com aspectos particulares de cada cultura, entretanto, os elementos fundamentais da narrativa continuam presentes, seu conteúdo permanece. A crítica mítica aborda este tipo de literatura partindo do pressuposto de que as narrativas estudadas contêm uma série de símbolos, imagens, e referências aos mitos e lendas. Esta abordagem revela e elucida aspectos tais como as origens dos mitos que governam a ficção de fantasia contemporânea.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Minas Gerais  
erikadepadua@gmail.com

As primeiras noções de mito têm origem na Grécia antiga, com Platão. Para ele havia a idéia dos “mitos divinos”, nos quais o *eidōs* (palavra que Platão usa para Formas) é visto como uma Verdade eternamente transcendental. As definições mais antigas de mito já o consideravam, assim, estruturas universais. Séculos mais tarde, o antropólogo e historiador de religião britânico J. G. Frazer alcançou um novo patamar no desenvolvimento do conceito de mitos com seus estudos comparativos sobre o folclore, magia, e religião em *La Rama Dorada: Magia y Religión* (FRAZER, 1969). Frazer descobriu que os mitos tinham um caráter explicativo, como tentativas pré-científicas de interpretar o mundo natural. Essa universalidade e variedade dos mitos foram incorporadas às teorias do psicólogo alemão C. G. Jung ao identificar um “inconsciente coletivo” na psique humana. Jung, com *Psychology of the Unconscious* (JUNG, 1947), influenciou profundamente a crítica literária – é seu o conceito mais famoso e popular de mito que temos hoje. Jung reconheceu, nas narrativas dos sonhos de seus pacientes, estruturas e padrões a que chamou de mitos (HARK, 2000). Para Jung, o mito é uma parte invisível da psique; não pode ser revelada conscientemente. Pode, entretanto, ser observado em sonhos. Sua ocorrência em toda a humanidade revela padrões transculturais.

Jung afirma que os mitos não são imagens ou manifestações do mito propriamente, mas a possibilidade da sua manifestação e concretização. Os mitos organizam e determinam a forma como as imagens se manifestarão. Assim, são determinados por sua forma, e não conteúdo. A forma, por sua vez, é pré-determinada, e não depende de uma existência material. Desta maneira o fenômeno arquetípico percebido pela consciência parece representar uma série de variações infinitas em torno de um tema básico. A teoria de Jung sobre mitos como possibilidades de uma forma de representação e de variações infinitas de um tema básico que aparece nos fenômenos arquetípicos ocupa uma parte essencial no estudo das variações do mago nas narrativas de fantasia. Essas idéias influenciaram vários críticos míticos. Entre eles está Campbell, que analisou em profundidade mitos como o do mago, de onde partirei para a análise do mito do mago negro.

O desenvolvimento da crítica mítica então se ramificou, passando por interpretações racionais dos mitos como metáforas de fenômenos físicos, por um lado, e interpretações em que é considerada uma representação das estruturas da psique, por outro. A relação entre mito e literatura, porém, foi feita a partir dos estudos de críticos míticos como Northrop Frye e Joseph Campbell. Como me interesse pelas diversas representações do mito do mago na literatura de fantasia, o conceito de mito de Campbell, que aplica os conceitos de Jung de inconsciente coletivo à crítica literária torna-se, assim, mais apropriada.

Influenciado pelas idéias de Jung, Campbell desenvolveu uma teoria para identificar a relação entre os mitos universais e a literatura. Campbell, um estudioso da mitologia comparativa, sistematizou então sua teoria comparando mitos dos índios americanos, gregos, hindus, budistas e maias antigos; lendas norueguesas e arturianas; e a bíblia. Ao procurar elucidar os mitos sob a perspectiva do inconsciente coletivo de Jung, Campbell definiu os mitos em *The Hero with a thousand Faces* como “imagens sem substância” (CAMPBELL, 1971, p.8). Campbell descobriu que essas imagens sem substância apresentam representações variadas do que ele veio a chamar de “monomito” – uma fórmula mitológica e uma história universal com raízes na existência humana. Através do conceito de monomito, estruturou o caminho da aventura do herói através de ritos de passagem para uma transfiguração final. O monomito é atualizado para refletir as características atuais dos tempos modernos. Vários romances, filmes, e séries de TV populares modernos basearam seus roteiros no trabalho de Campbell (Star Wars, Matrix, etc), e seu sucesso pode ser devido a um novo relato da jornada do herói que é paralelo à nossa própria jornada individual, fazendo com que tenham uma ressonância com o público. Possuem também os mesmos padrões com os quais o público tem familiaridade; ecoam as mesmas estruturas de narrativa encontradas nos mitos e no folclore, facilitando assim o processo de identificação.

Campbell identificou nas narrativas populares uma trajetória constituída por uma série de etapas através das quais o herói passa (a jornada do herói) e que também, como imagens sem substância, são recorrentes. Em seus estudos Campbell identificou esta jornada como um processo de individuação. A individuação é um conceito psicológico desenvolvido por Jung e que foi adotado por Campbell como o objetivo final do ciclo arquetípico do herói. A teoria junguiana afirma que a psique humana é fragmentada e o processo de individuação é uma tentativa de unir este estado fragmentado. A individuação como processo de autoconhecimento é um processo psicológico através qual os aspectos escondidos da psique são reconhecidos e unidos na iluminação final.

A teoria de Campbell é ampla, universal e transcultural. Para ele, as narrativas são expressões de mitos que permeiam o inconsciente da humanidade. O mito, assim, é uma estrutura narrativa perene que pode ser encontrada em diferentes formas em todos os tipos de narrativas. Isto torna o estudo dos mitos na literatura de

fantasia não apenas possível, mas também recompensador, pois além de estabelecer uma identificação entre o leitor e os mitos dos personagens – o vilão, o pai negro, a grande mãe, o herói, o velho sábio, etc, torna possível um estudo comparativo entre as diversas representações dos mitos.

### 3. As origens dos magos

A palavra ‘mágico’ vem do grego e do latim *magia*. Esta palavra, em suas origens, guarda relação com a casta dos clérigos, filósofos e magos entre os antigos persas, ou, como definido mais tarde, qualquer homem ou sábio sagrado do oriente. De acordo com o *Oxford English Dictionary* (OXFORD, 2001), o termo ‘magus’ no idioma persa significa “intérprete” e “adorador do divino”, usado para se referir ao clérigo ou profeta que é capaz de adivinhar o futuro. Este termo se afastou da religião na sociedade ocidental à medida que a representação do mito do mago sofreu modificações com o tempo. Há, entretanto, reflexos da tradição persa ao redor do mundo hoje em dia, dando continuidade à sua própria tradição de homens e sábios sagrados. Os xamãs no ocidente, por exemplo, são misteriosos mágicos “reais”, em oposição aos mágicos de circo que trabalham com ilusões. Algumas vezes chamados de curandeiros, eles curam pessoas doentes através de formas inexplicáveis, fazendo com que a doença desapareça do corpo do doente. Além dos xamãs, os famosos ocultistas da cultura ocidental como os que pertenciam a sociedades secretas tais como a rosa cruz, ou os magos tais como Eliphas Levi ou Aleister Crowley, também conectavam sua magia com o lado espiritual e religioso da realidade.

Paralelamente ao mago como agente modificador da realidade há também a figura do ilusionista, do prestidigitador. Assim como o mago, o mágico prestidigitador tradicional da cultura ocidental faz com que os objetos apareçam e desapareçam, assim como os transforma em outra coisa, de maneira inexplicável. Mas a magia destes mágicos é mera ilusão. Seu trabalho é desafiar as leis naturais sob o olhar do expectador, fazendo com que seus truques sejam atraentes. Sua existência se deve ao poder de encantar e causar admiração nas pessoas; mas as leis da natureza permanecem intactas. Os dois tipos de mágicos, os prestidigitadores e os xamãs, ou verdadeiro ocultistas, lidam com transformações, aparecimento e desaparecimento, e os limites do sentido humano. Suas ações são realizadas de forma extra-ordinária, sendo ilusórias ou reais em seu próprio paradigma.

Tanto os magos como os mágicos estão presentes na literatura de fantasia. Nestas narrativas, há magos que também realizam truques que não podem ser explicados sob as leis da natureza, à maneira dos xamãs, assim como ilusionistas. Podem ser mensageiros de forças superiores, manifestações do poder mágico, criadores, versões medievais de cientistas, etc. A maneira como ambos são concebidos no mundo real influencia suas descrições na literatura. Além disso, nas narrativas de fantasia, um mago também busca uma visão mística da realidade, o que torna a suspensão voluntária da descrença uma exigência freqüente do texto, como o mágico de circo.

O tarô é uma das fontes mais influentes na descrição dos magos na literatura de fantasia, especialmente na ‘demonização’ dos magos negros. Permeando a imaginação ocidental desde a Idade Média, o tarô é uma relação de mitos presentes na cultura ocidental. No tarô, três cartas estão intimamente relacionadas ao mito do mago. As cartas do Mago, do Eremita e do Diabo se relacionam com os mitos do mago aprendiz, do mago velho e sábio e do mago mau, claramente distinguindo suas essências. A terceira carta, do diabo, é a carta dualista, representa o desejo e a ambição. O diabo representa aspectos arquetípicos do deus grego Dionísio, um símbolo de caos, de energia criativa crua, dos instintos animais adormecidos nos homens. As asas de morcego conectam o diabo com os seres da escuridão, com as forças ctonianas da natureza. Esta carta também é interpretada nas leituras de tarô como o centro da noite em oposição com a carta do Sol, o centro do dia. É a carta da tentação, da matança, da crueldade. Seu personagem quer induzir a queda do homem de maneira que possa reinar sobre ele. É o separador, o desintegrador, a antítese; seu papel é de dividir e destruir.

É a carta do diabo que compartilha com o mago negro os aspectos dúbios de tentador e destruidor. Como na carta do diabo, o mago negro representa o lado negro da magia, o lado negro do poder. Procurado por magos aprendizes e controlado e equilibrado por magos sábios, este poder se sustenta no temor que provoca em seus inimigos. Na série Harry Potter, por exemplo, Voldemort e seus seguidores, os Comensais da Morte, livremente usam as três Maldições Imperdoáveis em qualquer um que os desafiem. Muitas bruxas e magos mais tarde afirmariam que a Maldição Imperius foi usada para forçá-los a cometer atrocidades e assassinatos. Ao mesmo tempo, usam o preconceito contra os ‘sangue-ruim’ (usuários de magia que são filhos de pais não-magos), para recrutar mais soldados para a sua causa, prometendo um mundo mágico só com pessoas de puro sangue.

Os magos ‘reais’, juntamente com as descrições dadas pelo tarô são duas importantes fontes que ilustram e contribuem para delinear as principais características dos magos nas narrativas de fantasia. Desta forma faz-se possível agrupá-los na mesma categoria. Por outro lado, as representações destes mitos são bastante ricas e variam muito nas narrativas de fantasia. Em tais narrativas, pode-se encontrar um grande número de tipos de magos negros, e estes magos negros podem ser representados das maneiras mais diversas.

#### 4. Os magos da literatura de fantasia

Um dos maiores sucessos comerciais na literatura contemporânea, a história de Harry Potter é uma narrativa de fantasia baseada no crescimento de um mago aprendiz. O mago aprendiz, assim como o mago velho e sábio e o mago negro, é uma variação do mito do mago. Enquanto a função do mago velho e sábio é a de promover o crescimento do mago aprendiz através da superação de obstáculos, a do mago negro é a de estabelecer estes obstáculos. Todas estas variações estão presentes nos livros da série *Harry Potter*. São variações comuns na literatura de fantasia, mas as maneiras como são apresentadas diferem bastante entre si.

A literatura de fantasia é rica em magos inesquecíveis. Incluídos no interesse renovado por este tipo de literatura estão grandes magos como Gandalf e Saruman o Branco, de *O Senhor dos Anéis*, uma trilogia escrita nos anos 50. Há também o mago Rand Al'Thor, de Robert Jordan, da série *Wheel of Time*; Sparrowhawk, também conhecido como Ged, nos livros *Earthsea*; os semideuses de David Eddings e os magos das séries *The Belgariad* e *The Malloreon*; Pug em *Magician: Apprentice* (Raymond E. Feist); Rincewind, a paródia de mago na série *Discworld* de Terry Pratchett; e Fitz, o torturado protagonista da trilogia *Farseer* de Robin Hobb.

A literatura clássica nos apresentou alguns personagens magos bastante significativos. Uma das grandes narrativas de mago que têm fortemente influenciado a imaginação popular, por exemplo, é a lenda de Fausto. Contada por dois grandes escritores da civilização ocidental, Christopher Marlowe e Wolfgang Von Goethe, é a história de um mago que vendeu sua alma ao diabo em troca de poderes terrenos e riquezas. William Shakespeare também incorporou o mago em suas histórias, com Próspero de *The Tempest*, mais um de seus personagens inesquecíveis. O mago primordial e paradigmático, entretanto, é o Merlin das lendas arturianas, presente em muitas narrativas especialmente em *La Mort d'Arthur*, que se tornou uma referência como representação do mito do mago velho e sábio, reaparecendo em outras variações das narrativas de fantasia.

As raízes míticas dos personagens magos são ainda mais antigas. Entre os registros anteriores aos personagens Merlin, Próspero e Fausto está um outro mago da mitologia galesa - Llwyd de *The Mabinogion*, uma coleção de manuscritos medievais com raízes celtas do século 13. Como exemplos de narrativas destas narrativas Eliphas Levi, estudioso ocultista, enumera ainda outros contos tão antigos quanto os relatos da Bíblia (na lenda dos anjos caídos) ou quanto o Talmude, o conhecimento dos persas e da Babilônia, ou a mitologia indiana, cristã e grega, a Cabala e outras histórias passadas através das gerações com a tradição oral e escrita.

O mito do mago é tão amplo que pode ser subdividido em outros mitos. Assim, para o jovem mago, para o mago sábio que tomou o caminho do bem e para o que tomou o caminho do mal se têm respectivamente o mago aprendiz, o mago velho e sábio e o mago negro. Estas diferentes expressões do mito do mago estão presentes em várias obras da literatura de fantasia e também claramente delineados na série Harry Potter. O desenvolvimento desses mitos segue os mesmos passos descritos por Joseph Campbell no ciclo do herói, porém com diferenças básicas: o ciclo do mago é essencialmente intelectual, uma busca por conhecimento. A base do ciclo do mago é a magia, a fonte de seu poder, sua razão de ser. Ela define o papel do mago nas narrativas, sua personalidade, sua moral e sua ética.

#### 5. A magia na literatura de fantasia

A definição de magia está ligada ao paradigma cultural onde o mago está inserido e assim a magia na literatura é com frequência influenciada pela maneira que se manifesta em nossa cultura. A maneira como a magia é descrita nas narrativas de fantasia sofreu grande influência a partir do século 19. No retorno à investigação ocultista que aconteceu neste século, organizações como a Sociedade de Pesquisas Psíquicas na Inglaterra, a Sociedade Teosófica, e o movimento Espiritualista de Alan Kardec, assim como escritores ocultistas, tornaram-se famosos ao difundirem novas e mais sofisticadas idéias sobre magia. Eliphas Levi, H. P. Blavatsky, e Aleister Crowley influenciaram as narrativas de fantasia, definindo magia como uma forma de manipular as forças invisíveis da realidade para obtenção de visões espirituais e evolução psíquica. Isto é claro em *Zanoni: a*

*Rosicrucian Tale*, de Bulwer-Lytton, que é uma história sobre um poderoso mago imortal que desiste da imortalidade para viver um romance, e na qual a magia é vista como a forma de moldar a alma para se obter a perfeição. Em *Zanoni* o conhecimento mágico é apenas para os escolhidos; ele separa a pessoa comum dos seres iluminados e é perigoso para os despreparados. Além disso, o conceito de magia como uma forma de moldar a realidade através do poder pessoal é apresentada por Aleister Crowley através da diferença entre as palavras ‘magic’ e ‘magick’. Segundo ele, o termo ‘magick’ se refere à manipulação da realidade através do poder pessoal e à habilidade de criar um canal com as energias do universo através da alma, o poder de alterar a realidade através da intenção, enquanto ‘magic’ se refere à prestidigitação, à arte da ilusão. Não pode realizar milagres ou violar as leis físicas do universo, não é ‘magia verdadeira’.

A diferença entre ‘magia verdadeira’ e ‘magia falsa’ aparece em várias narrativas de fantasia contemporâneas. Na série Harry Potter, por exemplo, os personagens magos estão sempre afirmando que não realizam ‘truques’, ou prestidigitação. Cada vez que realizam magia, realmente alteram a realidade, modificam o mundo físico. Quando a professora McGonagall transforma uma ave em um copo de água em *Harry Potter and the Chamber of Secrets*, há alteração das leis universais e a ave realmente se torna um copo de água; não há ilusão nesta transformação. A aula de McGonagall é sobre Transfiguração e seu assunto principal é a transformação de um objeto (vivo ou inanimado) em outro, ou mudar a realidade material. A mudança do mundo físico é um dos principais elementos da magia.

Há uma grande variação na definição de magia presente nas narrativas de fantasia. Em *A Wizard of Earthsea* (LeGuin), por exemplo, a fonte de poder mágico são os nomes. Na série Dragonlance (Weis), os magos são favorecidos pelos deuses das Três Luas: os magos brancos realizam magia alinhada como o ‘bem’, os magos vermelhos realizam magia ‘elemental’ ou neutra, e os magos negros realizam magia ‘negra’, seguindo suas tendências morais, e personalidades. Em *The Lord of the Rings*, a magia está presente em toda a narrativa, com Gandalf realizando um vasto leque de feitiços. Em suas cartas, Tolkien explica que a magia apresentada em seus livros é uma forma de Arte. É também a habilidade de aplicar o conhecimento das coisas como realmente são de forma que se tornam ‘transformadas’ aos olhos do não-iniciado. Os fogos de artifício da Terra Média é exemplo perfeito disto: os fogos são ‘magia’ para os hobbits, mas perfeitamente compreensíveis para um público moderno. Os portões de mithril de Moria é outro exemplo: são produtos de um sofisticado artesanato dos anões e elfos, mas esta técnica secreta simplesmente se perdeu. Este é um conceito que segue a linha do renascimento ocultista do século 19. O sobrenaturalismo da magia só pode ser percebido como tal pelos que não foram iniciados nos mistérios da técnica; para aqueles com o conhecimento das energias mágicas, é natural.

Uma outra distinção a ser feita em relação à magia é o seu efeito positivo ou negativo. A magia pode ser entendida em um sentido mais global dividida entre magias ‘brancas’ e ‘negras’, de acordo com a consequência do ato mágico. Udo Becker define a magia como algo que

“(...) se refere a práticas difundidas entre povos primitivos antigos e atuais, assim como à crença popular em geral, a qual objetiva obter, com a ajuda de forças misteriosas e através da invocação de espíritos, efeitos vantajosos (magia branca) ou malignos (magia negra). Os magos (feiticeiros, charlatões, xamãs) atribuem sua capacidade a animais, objetos da natureza, espíritos ou forças sobrenaturais ou energias. Entretanto, seu poder, algumas vezes extraordinário, também pode residir em forças psíquicas inconscientes especiais no sentido da psicologia e parapsicologia profundas” (BECKER, 1999, p.176).

Assim, o mago é caracterizado pela capacidade de realizar ações sobrenaturais. A magia é uma prática, a capacidade de manipular o invisível e moldar a realidade de acordo com a própria vontade. Pode-se dizer que a magia branca é produzida por um mago essencialmente bom, enquanto a magia negra não.

A magia negra é produzida a partir de poderes sobrenaturais malignos; sua intenção maligna é a expressão da antítese. É praticada por seres que foram despertados para o mal, de onde retiram a força de suas ações para alimentarem seu ego. As forças negativas da natureza são usadas para a degeneração da raça humana, que passa a ser escravizada por seu próprio ego. A magia negra viola o livre-arbítrio e envolve atos de maldade, de egoísmo, de ganância, de violência. Na série Harry Potter, os magos negros são liderados por Voldemort, para quem a sede de poder não tem limites e a quem seus discípulos chamam de ‘senhor das trevas’ ou ‘mestre’. Voldemort nunca é apresentado ao leitor como alguém que possa ser admirado ou injustamente julgado; suas ações e discurso são sempre maus. Indicando suas próximas vítimas com a Marca Negra, Voldemort matou

alguns dos melhores magos de sua época. Torna-se cada vez mais poderoso à medida que causa destruição, e ao descobrir a profecia sobre sua própria destruição torna-se também paranóico.

A magia na literatura de fantasia, como foi visto anteriormente, é um símbolo de poder. Mesmo que seja usada para enganar alguém, ou para realmente transformar a realidade, é sempre um sinal de grande poder daquele que a usa. Os magos na literatura são freqüentemente os mais poderosos seres devido a sua habilidade de lidar com a realidade de uma forma que permite que eles manipulem a realidade tanto para propósitos benéficos ou maléficos. A magia ajuda a definir o personagem do mago e tem grande influencia na maneira que a variação do mito do mago aparece nas narrativas de fantasia, por ser um veículo do seu desenvolvimento, o caminho que o leva ao poder e conhecimento e que dá a ele um status especial. A magia freqüentemente reflete as tecnologias em andamento na época em que a obra foi escrita – isso pode ser verificado através da maneira que a magia é descrita em obras modernas de fantasia. Na medida em que o conceito de magia muda, a maneira como o mago é retratado também muda.

## 6. O mito do mago negro na literatura de fantasia

Há muitas variações do mago negro tradicional nas narrativas de fantasia. Como pode ser freqüentemente observado, estas variações são baseadas nas características gerais dos personagens magos negros, mas não são definitivas. Muitos personagens podem revelar um ou mais aspectos desta variação de mago, enquanto outros podem não apresentar nenhuma das características mostradas a seguir. Para efeito deste estudo, entretanto, focarei em uma descrição geral do mago negro.

Como visto na análise da carta do demônio, o mito do mago negro ora apresenta um papel de tentador, ora de destruidor. O mago negro seduz o herói para que este passe a compartilhar sua visão da realidade, mas também mostra sua força destrutiva gerando medo - e o medo é a verdadeira fonte do seu poder. O mago negro é apenas verdadeiramente vencido quando perde a capacidade de causar temor. Seu poder não conhece limites éticos ou morais. Representa o submundo, o desafio que deve ser superado pelo mago aprendiz.

O mago negro é a fonte do conflito da história ou de drama nas narrativas de fantasia. Seu enorme poder tem um motivo: os heróis não teriam que passar por tantos testes para derrotar um ser fraco. O mago negro deve ser mais poderoso do que seus adversários para gerar o confronto clássico característico das obras de fantasia. Na ficção de fantasia, o mago negro é normalmente o senhor de uma terra devastada. Esta terra está em um contínuo processo de destruição e reconstrução. Uma história de fantasia normalmente começa com a reunião das forças do mal pelo mago negro na preparação para uma guerra. Nesta guerra o senhor do mal é invariavelmente destruído – mas momentaneamente. Um exemplo deste fato é Sauron. Em *O Senhor dos Anéis* ele é o senhor do Monte Doom em Mordor, uma terrível terra árida onde tudo faz lembrar o alinhamento maligno do seu mestre. Sua intenção é reunir as forças malignas de Mordor para dominar todos os povos da Terra Média. Afinal há uma guerra, e ele é destruído.

O mito do mago negro geralmente aparece como um antagonista do personagem principal através das narrativas de fantasia. Exemplos deste antagonismo entre um usuário de magia e sua nêmesis são Gandalf e Saruman em *O Senhor dos Anéis*, Merlin e Morgan Le Fey em *Le Morte d'Arthur*, Ged e a Sombra em *A Wizard of Earthsea*, Candy Quackenbush e Christopher Carrion em *Abarat*, Tarane o Rei Cornudo em *As Aventuras de Pridain*, entre outros. Na série Harry Potter, a nêmesis é claramente Lord Voldemort, o mago negro mais poderoso do mundo mágico.

As representações do mago negro podem variar, dependendo da maneira como ele se relaciona com os outros personagens da história. Para detalhar as diferentes maneiras que o mago negro pode aparecer, analisarei nesta seção três diferentes formas de mago negro: Sauron e Saruman em *O Senhor dos Anéis*, e a Sombra em *A Wizard of Earthsea*. Sauron é a criatura da escuridão, mais uma força do mal do que um mero indivíduo; sua única orientação é na direção da morte e da destruição. Não recebe uma descrição física, sua única característica marcante é ter o formato de um olho que queima no topo da torre onde habita. Esta torre fica no meio de um deserto, onde tudo – a vegetação, os animais – está morto. Não há água, nenhum sinal de vida – apenas cinzas. A natureza em seu domínio é um reflexo, assim, de sua própria alma; O seu lado tentador é ilustrado pelo fato de que foi o responsável pela criação dos anéis mágicos para escravizar as raças da Terra Média. Como destruidor, impôs sua força sobre as raças que não se alinharam a ele.

O outro grande mago negro da história, Saruman, é diferente de Sauron. É um espelho negro de Gandalf (o mago velho e sábio), quase um doppelganger do mal. É descrito com características semelhantes às de

Gandalf: tem uma longa barba e cabelos brancos, veste um robe e se apóia em um cajado mágico. Entretanto, trai Gandalf e até mesmo tenta recrutá-lo para aderir às forças de Sauron. Sob o signo do mago tentador, Saruman reúne tribos humanas da Terra Média para lutar ao lado de Sauron. Quando sua sedução fracassa com Gandalf, ele o aprisiona e cria seu exército de Uruk-hai, mudando passando a representar o papel de destruidor. O principal objetivo de Saruman é o de ganhar poder; e procura atingir este objetivo entrando no exército de Sauron.

A *Wizard of Earthsea* apresenta uma outra variação do mito do mago negro. Ged, o mago-herói-aprendiz, encontra uma misteriosa menina bruxa que pergunta a ele se sabe invocar o espírito dos mortos. Esta menina, como uma bruxa e uma encantadora, representa também um poder do mal na forma de tentadora. Conhecendo o temperamento de Ged, ela o tenta. Desejoso de provar a ela que pode invocar qualquer coisa que deseje, Ged abre o livro de conhecimentos secretos de Ogion, seu mestre, para encontrar o feitiço. Ao realizá-lo, ele liberta a Sombra, um espírito da escuridão, que passa a assombrá-lo.

A Sombra é também uma entidade maligna da história. É descrita como “um monstro negro, do tamanho de uma criança pequena, apesar de parecer inchar e diminuir; e não têm cabeça nem face, apenas as quatro patas com garras com as quais agarrava e rasgava” (LEGUIN, 1984, p.61). A Sombra é uma presença do mal e mostra uma inteligência malvada através da maneira tortuosa com a qual torce e fere a vida de Ged, apesar de se comunicar apenas através de sussurros ininteligíveis. A bruxa e a Sombra são duas representações diversas do mito do mago negro, são personagens de magia que tendem ao mal e a impedir que o herói siga sua jornada. A Sombra, entretanto, é uma variação peculiar do mito do mago negro. Ela engana Ged, mas não faz magia. Como Sauron, é algo etéreo, uma força que pode entrar nas mentes das pessoas e controlá-las. Não tem forma, não é um ser vivo e não se manifesta corporalmente. Assim, sua ambição e sede de vingança são de outra ordem. A Sombra é o pai negro de Ged, os negros instintos fora de controle, o medo, a raiva, a vaidade, tudo isso em uma idéia. Sua natureza é inumana.

## 7. O mito do mago negro na série Harry Potter

O arco da história em Harry Potter descreve a transformação pessoal do protagonista. Mostra o caminho do mago e sua eventual escolha sobre qual caminho seguir: o do mal ou o do bem. Dumbledore e Voldemort são magos que também passaram por transformações pessoais, e representam exemplos de magos que escolheram o caminho da ética, compaixão e moralidade e o caminho do poder sedutor, manipulador e destrutivo. As três principais variações do mito do mago representadas na série Harry Potter através de Harry (o mago aprendiz), Dumbledore (o mago velho e sábio), e Voldemort (o mago negro).

O mago negro pode ser considerado como um dos vários tipos de guias do mago aprendiz, como o mago velho e sábio, os animais falantes, seres fantásticos, profecias, humanos, ou até mesmo uma voz na cabeça do mago aprendiz. Os guias servem para apenas um propósito: definir a jornada do mago aprendiz ao estabelecer limites, regras, e desafios. Os magos aprendizes são destinados a cometer erros, a quebrar as regras, e esquecer momentaneamente dos ensinamentos dos seus mestres, para gerar o conflito necessário para que a narrativa prossiga, e muitas vezes os conflitos são proporcionados pelo mago negro. Enquanto o mago negro cria obstáculos, o mago velho e sábio ajuda o mago aprendiz a superá-los. Os guias são representações de forças superiores que moldam o destino do herói. Para Harry, Dumbledore representa o modelo a ser seguido, enquanto Voldemort representa tudo o que o herói não deve ser.

O mago negro pode ser entendido, assim, como uma categoria de guia. Sob esta ótica, o mago negro aparece na obra de Rowling não apenas através de Voldemort, mas também de outros. O cargo de professor de Defesa contra as Artes Negras, sobre o qual uma maldição parece pairar, atraiu alguns desses magos. No primeiro ano de Harry em Hogwarts o cargo é ocupado pelo professor Quirrell, que mais tarde se revela assistente de Lord Voldemort. A constituição e personalidade frágeis de Quirrell não resistiram ao poder de Voldemort, que, enquanto estava sem um corpo físico, fez de Quirrell seu escravo. Quirrell é um guia no quando mostra a Harry um caminho diferente a ser seguido, o caminho maligno. Quirrell é um mago aprendiz que escolheu seguir o mago negro ao invés de seguir o mago velho e sábio. Sua moral e ética são muito diferentes daquelas que Harry vem aprendendo com Dumbledore. Quirrell ensina Harry sobre a natureza corruptora do poder e sobre os argumentos malignos que Voldemort usa para controlar seus seguidores. Depois de Harry enfrentar Quirrell, torna-se mais resolutos nas escolhas morais que fez.

Outro professor de Defesa contra as Artes Negras que encontra um destino fatal é Gilderoy Lockheart, em *Harry Potter e a Câmara Secreta*. Gilderoy é uma crítica aos gurus de charlatões auto-ajuda que inundam o mercado com seus livros. É um personagem exuberante obcecado com sua própria imagem e que publica livros sobre falsas histórias de aventuras. Ensina a Harry sobre a hipocrisia, a vaidade, e o vazio da mídia. Gilderoy mostra a Harry o lado negro da fama, a mesma fama que cerca Harry no mundo mágico. Mostra como a fama pode corromper um indivíduo: sob a imagem de bravura apresentada por Gilderoy à mídia, está um ser covarde e incompetente. Como um guia, ele é a sombra negra da fama de Harry.

Entre todos os professores de Harry, Severus Snape, o professor que ensina poções, é o que possui o caráter mais obscuro na narrativa. Snape não é um mago velho e sábio – além de jovem e ambicioso é parcial e agressivo. É uma referência para Harry na medida em que é o oposto do principal guia de Harry, Dumbledore. O estilo de ensino de Snape, por exemplo, é baseado na intimidação e abuso. É cruel com os alunos que não pertencem à sua casa (Sonserina) e favorece aqueles que pertencem como Draco Malfoy. Não gosta de Harry por motivos misteriosos e, por isso, tem sido confundido por alguém que quer apenas prejudicá-lo. Mais tarde na série, entretanto, Snape dá sinais de ser um aliado na luta contra Voldemort.

Esta é a peculiaridade de Snape como guia de Harry. Quando era um aprendiz, Snape esteve muito próximo de se tornar um mago negro. Ao contrário, parece ter renunciado a este caminho, pois, durante o tempo em que perdurou o poder de Voldemort, participou do grupo de Comensais da Morte como espião para a Ordem da Fênix. A informação que conseguiu naquele momento foi vital para a derrota de Voldemort. Snape é um dos personagens mais complexos da série, sempre dividido entre o lado bom e o mau da sociedade dos magos.

Os guias nos livros de Harry são adaptados para o ambiente acadêmico da narrativa. Diferente de outras narrativas de fantasia, nas quais o protagonista empreende uma jornada e encontram seus guias pelo caminho (como em *A Wizard of Earthsea*, *Dragonlance Chronicles*, *Lord of the Rings*, a série *Nárnia*) os guias em *Harry Potter* são com frequência professores ou personagens modificados para um ambiente educacional. Além disso, não são criaturas sobrenaturais (com exceção de Voldemort), mas humanos que sabem fazer magia. Isto torna possível uma identificação mais rápida do leitor com seus professores, os funcionários de sua escola, ou seus parentes. Os guias de Harry Potter estão mais humanizados do que os tradicionais. O mago velho e sábio, por exemplo, não é mais uma criatura sobrenatural como Gandalf. É Albus Dumbledore, diretor de uma escola, responsável por erros no passado (como ensinar magia ao jovem Voldemort), e um professor incapaz de responder a todas as perguntas de Harry. Os guias de Harry Potter são mais acessíveis, mais humanos, menos parecidos com deuses.

## 8. Lord Voldemort

Lord Voldemort o mago assassino responsável pela morte dos pais de Harry Potter, James e Lilly Potter, seus colegas na escola de magia Hogwarts. O motivo das mortes é um mistério que permeia a série. Este ataque de Voldemort, porém, não apenas foi ineficiente contra Harry como também se voltou em parte contra o próprio Voldemort. Depois de matar os pais de Harry o feitiço de morte reverteu para o corpo de Voldemort deixando-o quase morto, destituindo-o de uma manifestação física fixa. O ataque de Voldemort deixou uma cicatriz em forma de raio na testa de Harry, que lhe causa dor quando tem sentimentos fortes ou quando Voldemort está próximo. Após dois anos, Voldemort recupera sua manifestação física através de um ritual de magia negra, utilizando o sangue de Harry. Os laços entre estes dois personagens se tornam cada vez mais fortes, indicando um inevitável confronto final para a série.

Dumbledore é o único homem temido por Voldemort. É difícil saber a extensão dos poderes de Dumbledore pelo fato de ser um personagem enigmático, mas alguns sinais desses poderes têm sido revelados nos livros. Dumbledore foi responsável pela criação da Ordem da Fênix, a polícia de elite do mundo mágico, assim como pela escolha dos aurores. Apesar do poder de Dumbledore, porém, o trabalho de vencer a batalha contra o mago negro é do aprendiz, não seu. Dumbledore, o mago mais poderoso do mundo mágico, e os aurores, magos treinados nas artes de combate de magia negra, não são suficientes para deter Voldemort.

Voldemort representa a epítome do mago negro moderno. É motivado pelo poder e objetiva um controle sem limites, tanto do mundo mágico quanto do mundo dos ‘trouxas’. Em sua jornada princípios são deixados de lado, pessoas são reduzidas a peões de xadrez; nada pode permanecer no caminho de sua busca pelo controle total. É tão poderoso que seu nome não é pronunciado, mas substituído por outros como o senhor das trevas, aquele-que-não-deve-ser-nomeado, você-sabe-quem. Rearranjou as letras do seu antigo nome, Tom Marvolo



Riddle, seu verdadeiro nome, e criou a frase ‘I am Lord Voldemort’, esperando com isso causar temor em outros magos.

A infância do mago negro é, muitas vezes, semelhante à história de um mago aprendiz; o mago negro foi um mago aprendiz um dia. Voldemort é filho de uma bruxa e de um ‘trouxa’. Isso significa que era um “sangue-ruim”, uma condição contra a qual tem lutado ao longo da série. Seu pai desapareceu depois que sua mãe revelou que era uma bruxa, e sua mãe morreu depois de dar a luz a Voldemort. Assim, tornou-se um órfão como Harry e cresceu em um orfanato de ‘trouxas’. Mais tarde passou a estudar em Hogwarts onde foi facilmente identificado com a casa Sonserina por sua sede de poder inata, por seu gosto pelas Artes das Trevas, pelo mal. Como Harry, Voldemort tinha que deixar Hogwarts e voltar para o orfanato todo ano durante as férias de verão. Voldemort, entretanto, lida com seus problemas de infância de uma maneira destrutiva (com os assassinatos dos pais e avós, por exemplo), enquanto Harry passa por seus problemas com uma perspectiva construtiva e compreensiva. Enquanto Voldemort nega o seu passado, seu nome, suas origens, Harry os aceita. Voldemort odeia nos outros tudo o que é. O mago negro não está em paz consigo mesmo; suas questões internas são apenas resolvidas através do mago aprendiz.

Voldemort passa a atormentar a comunidade de magos. Durante seu reinado de sangue houve vários relatos de mortes, desaparecimentos, e tortura em uma atmosfera de terror. Voldemort vai, aos poucos, reunindo seguidores. Magos e bruxas juntam-se a ele para compartilhar seu poder e também por medo. Estes seguidores, os Comensais da Morte, livremente usam os Feitiços Imperdoáveis em qualquer pessoa que os desafiem. São identificados com o símbolo da Marca Negra; uma caveira de cuja boca sai uma serpente como uma língua. Este símbolo é queimado no lado de dentro de seus braços esquerdos pelo seu Senhor das Trevas. O mago negro usa os instrumentos que funcionam para ele: tem medo de Harry, e ele usa esse medo para controlar outros magos.

No auge do poder, Voldemort teve acesso a uma profecia sobre alguém que o derrotaria. Ouviu apenas parte da predição (essa pessoa nasceria no fim de Julho de parentes que haviam sobrevivido três tentativas de matá-lo). Sentiu-se ameaçado e, como solução, matou cada mãe e filho recém-nascido que se encaixasse nas características da profecia. Este momento espelha o episódio bíblico de Herodes que é também encontrado no mito arturiano. A existência do mago aprendiz é uma ameaça do mago negro, porque é o único capaz de destruí-lo.

Voldemort como o mago negro é a antítese ambos de Harry Potter e Albus Dumbledore. Harry está em busca da natureza de seu próprio poder, e sempre pergunta a si mesmo, com algum receio, se esta natureza é a mesma para Voldemort. Voldemort como mago negro é força principal que guia as ações de Harry. Harry quer vingar seus pais, e para fazer isso explora sua conexão com Voldemort, aprendendo seus métodos para conhecê-lo e defendê-lo. O caminho de Harry, entretanto, o leva em direção a Dumbledore; Harry provavelmente o substituirá e renovará a posição do velho mago, realizando a apoteose do ciclo do herói. Harry deve aprender com seus dois pais, o pai negro (Voldemort), e o pai da luz (Dumbledore), para se tornar um mago completo.

Além disso, a polaridade entre Voldemort e Dumbledore é uma constante na obra. Voldemort, por um lado, é um mago “caído”. Dumbledore está no lado oposto: é o diretor da mais importante escola de magia do mundo mágico e é considerado por todos os magos vivo mais poderoso. Diferente de Voldemort, Dumbledore usa seus poderes para ensinar e proteger seus alunos. É uma fonte de orientação e conhecimento, enquanto Voldemort é uma fonte de desafios para Harry Potter testar seus conhecimentos recém-adquiridos. Harry deve escolher entre eles. Essa escolha está sempre presente em sua mente e nos desafios que enfrenta.

A arma principal de Voldemort é seu lado tentador; seduz os magos para que sigam sua visão de mundo. Voldemort usa o ódio em relação aos “trouxas” e “sangue-ruim” para recrutar aliados para seus planos malignos. Seduz manipulando a crença dos sangue-puro, indivíduos que nasceram de famílias magas puras, e o preconceito na sociedade mágica. Escolhe seus aliados entre os magos racistas que acreditam que apenas os sangue-puro seja permitido realizar magia. É uma metáfora clara para o racismo, para a ideologia nazista. Conecta Voldemort a Hitler e os Comensais da Morte aos nazistas, à SS, a polícia secreta da Alemanha nazista. Voldemort é uma força mágica maligna, mas sua maldade é claramente baseada em uma fraqueza humana: a intolerância.

Como Harry, Voldemort já apresentava um potencial para a magia aos 11 anos, quando foi convidado a ser aluno de Dumbledore em Hogwarts. Porém sua tendência era ao abuso da magia, à crueldade, violência e intolerância. Como consequência disto, árias mortes estão ligadas a Voldemort (o assassinato de seus pais e avós, de James e Lilly Potter, a morte de uma aluna por um basilisco libertado por ele), assim como a sua falta de integridade moral ao não assumir a responsabilidade por vários problemas e imprimi-las em pessoas inocentes. Ele busca o poder procurando instalar o medo nos seus seguidores. Quer destruir Harry porque é a única coisa

que ele teme. Sua fraqueza está na sua própria superstição, ele teme a profecia mais do que qualquer coisa. Ele é a nêmesis.

O papel da nêmesis é de formar os desafios que impeçam a vitória do mago aprendiz. A nêmesis pode representar a tentação do lado negro da psique do mago e tentar seduzi-lo na tentativa de quebrar sua ética e moral interna. Cada obstáculo é superado até o desafio final e mais importante que é o inimigo do aprendiz - o mago negro. O mago negro ou seus servos podem influenciar a dificuldade dos testes, e até certa parte da narrativa os desafios e adversidades no caminho do herói podem ser independentes da influência do mago negro. Entretanto, em outro ponto, a força do mal por trás deles pode se tornar mais evidente. Neste momento o mago negro se revela na narrativa e tenta impedir a jornada do mago aprendiz com suas ações malevolentes. Em *Harry Potter* toda sorte de obstáculos espera pelo protagonista. Estes culminam na última parte da história quando Harry confronta Voldemort no final de cada livro. Todos esses obstáculos que precedem o encontro final são situações preparatórias para o mago aprendiz em sua luta final com sua sombra.

## 9. Conclusão

O mago negro em *Harry Potter* apresenta uma nova caracterização e novos aspectos do mito, distinguindo-se da caracterização tradicional presente em romances anteriores e mesmo nas lendas e contos de fadas. São aspectos que refletem nossa sociedade atual com os anseios do leitor contemporâneo. O principal desses aspectos é a humanização do mago negro; para o mundo de hoje a co-existência de tal personagem é imprescindível na trama por ter-se tornado uma realidade alternativa do mago aprendiz. É como se tivéssemos a oportunidade de conhecermos um Harry Potter que seguiu outros caminhos, que fez outras escolhas. O mago negro como fator que determina os limites da moralidade permanece vivo. O lugar do mago negro é a região da fronteira; seu papel é delimitar até onde o mal (ou o bem) pode ir. Estabelece um contraste diante do quais as qualidades do mago do bem são realçadas. Dependendo da história, os limites do mal são diferentes. Enquanto o mago bom salva a humanidade através de atos de restabelecimento da paz, o mago negro salva a humanidade de si mesma, da estagnação.

## Referências bibliográficas

- BECKER, Udo. **Dicionário de Símbolos**. Trans. Edwino Royer. São Paulo: Paulus, 1999.
- CAMPBELL, Joseph. **The Hero with a Thousand Faces**. New York: Princeton UP, 1971.
- CROWLEY, Aleister, Mary Desti, Leila Waddell, Hymenaeus Beta. **Magick: Liber Aba: Book 4**. 2<sup>nd</sup> rev. ed. Boston: Red Wheel/Weiser, 1998.
- FRAZER, Sir James George. **La Rama Dorada: Magia y Religión**. Trans. Elizabeth y Tadeo I. Campuzano. 2<sup>nd</sup> rev. ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1969.
- FRYE, Northrop. **Anatomy of Criticism: Four Essays**. New Jersey: Princeton UP, 1957.
- \_\_\_\_\_. **Fábulas de Identidade: Ensaio sobre Mitopoética**. Trans. Sandra Vasconcelos. São Paulo: Nova Alexandria, 2000.
- HARK, Helmut. Org. **Léxico dos Conceitos Jungianos Fundamentais: A Partir dos Originais de C. G. Jung**. Trans. Maurício Cardoso. São Paulo: Loyola, 2000.
- JACKSON, Rosemary. **Fantasy: the literature of subversion**. New York: Routledge, 1998.
- JACOBI, Jolande Szekacs. **Psychology of C. G. Jung**. 1973. London: Routledge, 2001.
- JUNG, Carl Gustav. **Mitos e o Inconsciente Coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2000. (Translation mine)
- JUNG, Carl Gustav, et al. **Psychology of the Unconscious**. 1947. New Jersey: Princeton UP, 2001.
- LE GUIN, Ursula K. **A Wizard of Earthsea**. Earthsea Novels. 1. New York: Bantam, 1984.
- Oxford English Dictionary**. Oxford: Oxford UP, 2001.
- ROWLING, J. K. **Harry Potter and the Chamber of Secrets**. Harry Potter series. 2. New York: Scholastic, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Harry Potter and the Goblet of Fire**. Harry Potter series. 4. London: Bloomsbury, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Harry Potter and the Half Blood Prince**. Harry Potter series. 6. London: Bloomsbury, 2005.

- \_\_\_\_\_. **Harry Potter and the Order of the Phoenix.** Harry Potter series. 5. London: Bloomsbury, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Harry Potter and the Prisoner of Azkaban.** Harry Potter series. 3. London: Bloomsbury, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Harry Potter and the Sorcerer's Stone.** Harry Potter series. 1. New York: Scholastic, 1998.
- TOLKIEN, J. R. R. **The Lord of the Rings.** London: HarperCollins, 1994.